

A COMBINAÇÃO DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS EM PROPAGANDAS

Arlete Ribeiro Nepomuceno (Unimontes/Fapemig)

Introdução

Neste artigo, propomo-nos a estudar a combinação de cláusulas hipotáticas adverbiais. Elegemos como percurso teórico os pressupostos funcionalistas ancorados nos estudos de Halliday (1985) comungados com os estudos de Thompson e Mann (1983/1987). Nessa perspectiva, a gramática funcional se caracteriza como uma gramática de organização das línguas naturais, que busca explicar os fenômenos linguísticos na língua efetivamente realizada. Em outras palavras, ela procura explicar as regras e os princípios subjacentes à construção das estruturas em termos de sua funcionalidade, considerando o modo como essas estruturas são usadas em eventos reais de comunicação.

O nosso foco de análise são as proposições relacionais, as quais são tidas como um fenômeno combinacional, definido no âmbito textual, sendo, pois, resultantes da combinação de partes do texto. Nesse ponto, Mann e Thompson apontam a possibilidade de diferentes relações proposicionais entre as orações de um período complexo. Para eles, essas relações são inferidas quando da adjacência de duas orações (microestrutura) ou porções discursivas maiores (macroestrutura), não sendo transportadas, pois, apenas pelo operador conjuntivo que as relaciona. Vale destacar que, embora reconheçamos o fato de o micro- e o macro-nível estarem estreitamente relacionados, na medida em que os significados de partes completas do texto ou de textos inteiros precedem dos significados locais das palavras e das orações, o que é um princípio fundamental da semântica, atemo-nos ao nível micro-, tendo em vista o escopo do nosso trabalho.

Assim, objetivando evidenciar as relações inferenciais que emergem das cláusulas no discurso, recortamos para a nossa análise um exemplário de ocorrências reais extraídas de propagandas, evitando lidar com frases criadas, dissociadas de sua função no ato da interação comunicativa.

De forma a realizar o seu objetivo, este artigo será dividido em 3 partes. Primeiramente, procedemos a uma breve apresentação dos princípios e pressupostos básicos do quadro teórico tomado como referência, com ênfase nas proposições relacionais. Em seguida, explicitaremos e analisaremos os dados, finalizando com algumas considerações sobre as contribuições deste estudo.

1. A gramática sistêmico-funcional e o processo de articulação de cláusulas

A Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF), idealizada por Halliday (1985), tem suas bases na perspectiva funcional da linguagem, que, segundo Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 20-21), considera a língua como um sistema maleável sujeita às pressões oriundas das diferentes situações comunicativas. Levar em consideração o sistêmico implica considerar as escolhas entre os termos do paradigma com a ideia de que cada escolha produz significados, ainda que, por vezes, sejam inconscientes. Nas palavras de Butt *et al.*, (2001, p. 2), “mesmo inconscientemente, as escolhas linguísticas são influenciadas em certos aspectos pelo contexto no qual são usadas”. Nessa perspectiva, uma gramática funcional não é um conjunto de regras, mas sim uma série de recursos para descrever, interpretar e fazer significados.

No que diz respeito ao processo de articulação de cláusulas, Halliday (1985) analisa as orações complexas a partir de dois eixos: o tático e o lógico-semântico. O eixo tático, ou sistema de interdependência, inclui a parataxe e a hipotaxe e aplica-se a todos os complexos, os quais podem ser palavras, sintagmas ou cláusulas. A parataxe é uma relação entre elementos de estatuto igual, sem que um dependa do outro, um iniciando e o outro elemento continuando a sequência, estando associada à ordem, à ordenação linear desses elementos. Em contrapartida, a hipotaxe é uma relação entre elementos de estatuto diferente, em que um elemento modifica o outro, sendo o modificador dependente do modificado, havendo uma relação entre um dependente e seu dominante. Assim, a hipotaxe está relacionada a uma relação hierárquica entre os elementos, constituída entre um subordinante e um subordinado. Nas estruturas de hipotaxe, figura-se, por exemplo, o território das tradicionais orações adverbiais, das quais falaremos mais adiante.

Ainda no eixo tático, Halliday (1985) apresenta também um mecanismo chamado de integração ou encaixamento, defendendo a importância da distinção entre encaixamento e hipotaxe. Para ele, enquanto a

hipotaxe codifica relações entre orações, o encaixamento, por sua vez, constitui um mecanismo por meio do qual uma oração desempenha uma função na estrutura de outra.

Em linhas gerais, podemos dizer que, na hipotaxe, tem-se uma combinação de elementos de categorias diferentes. Por outro lado, no encaixamento, a oração encaixada preenche a estrutura da oração principal, satisfazendo, por exemplo, uma exigência do próprio verbo que constitui a predicação, como no caso das orações subjetivas, que atuam como sujeito de outra oração. Daí a afirmação de que ela se relaciona com um elemento da oração principal, contraindo com essa uma relação de constituência.

O eixo lógico-semântico, ou sistema das relações semântico-funcionais, que constitui a lógica das línguas naturais, diz respeito à relação entre processos, desvinculada do modo de organização e estruturação do enunciado. Inclui a expansão – relatando fenômenos com sendo da mesma ordem da experiência – e a projeção – relatando fenômenos de uma ordem maior de experiência (fenômenos semióticos: o que as pessoas pensam dizem e pensam) com subvariedades, sobre as quais não falaremos esmiuçadamente por fugir, neste momento, do escopo do nosso trabalho. No que se refere à primeira, temos orações expandidas por elaboração, extensão ou realce; enfatizaremos somente as orações de realce.

É lícito lembrar que essa proposta *hallidayiana* de entrelaçamento dos dois eixos (tático e lógico-semântico) permite evidenciar diferentes modos de relacionamento entre elementos, possibilitando-nos perceber a linguagem humana como um sistema de construção de significados. Desse modo, a linguagem é vista como o lugar de interação, dado que, por meio de seu uso, podemos interagir com o outro. Nesse processo de interação, significados são construídos e reconstruídos a cada vez que o sistema é acessado, conferindo à linguagem um caráter de dinamicidade. Por outro lado, comentando ainda essa proposta de cruzamento desses eixos na articulação dos complexos oracionais, apesar da validade de sua proposta, ressaltamos o fato de o linguista Halliday considerar as orações assindéticas como paratáticas no eixo tático, as quais consideraremos como hipotáticas, no caso das propagandas, em virtude de as relações hierárquicas de significado poderem ser estabelecidas entre as cláusulas por outros meios que não o emprego de conjunções.

Retomando as cláusulas hipotáticas de realce, nas palavras de Decat (2001, p.111), hipotaxe de realce seria “o fenômeno de articulação de cláusulas que se combinam para modificar, ou expandir, de alguma forma, a informação contida em outra cláusula (ou porção do discurso), o que é manifestado pelas relações circunstanciais”. Tais circunstanciais seriam com referência ao tempo, modo, lugar, causa ou condição.

Nesse contexto, cumpre mencionar que, entre os diferentes tipos de articulação de cláusulas de realce, arrolados por Halliday, podemos perceber que essas construções possuem a propriedade de funcionar em diferentes camadas de discursos: seja construindo raciocínio lógico-semântico, seja funcionando como manobra discursiva, seja organizando a superfície textual.

Lançando um olhar para esse modelo de Halliday (1985), com base na distinção estabelecida entre parataxe e hipotaxe como fenômenos e encaixamento como mecanismo, Mann e Thompson (1983, 1985, 1988), entre outros, valendo-se do rótulo hipotaxe de realce, mais adequado do que subordinação, por estar livre das conotações ligadas a esse termo, propuseram a Teoria da Estrutura Retórica cujo objetivo principal é o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes.

2. As relações proposicionais entre as orações

Segundo Mann e Thompson (1985), as proposições relacionais se caracterizam como as inferências codificadas por diferentes estruturas sintáticas, são relações semânticas implícitas que emergem da adjacência de duas orações ou porções discursivas maiores, não sendo transportadas, pois, por uma oração desvinculada de seu contexto, podendo ser sinalizadas ou não por conectivos. Haveria, assim, a possibilidade de emergência e desencadeamento de diversas relações proposicionais entre as orações de um período complexo.

Na esteira dessa teoria, nas orações de um texto, além do conteúdo proposicional explícito veiculado por elas, existem as proposições implícitas que emergem das relações que se estabelecem entre porções do texto. Em outros termos, as proposições relacionais propiciariam o surgimento da relação proposicional X quando contígua à outra, sendo, portanto, uma combinação de partes do texto, a qual é estabelecida tanto entre orações (microestrutura textual/gramatical) como entre porções maiores de textos (macroestrutura textual/discursiva).

Para Mann e Thompson (1983), essas proposições implícitas são básicas, dado que outros tipos de inferências podem ser derivados das proposições relacionais, mas elas não são derivadas de outros tipos de

inferências, surgindo no texto independentemente de sinais específicos de sua existência e, mesmo se eles existissem, não seria possível somente um processo inferencial. Ademais, não estão limitadas a aspectos organizacionais do texto, contudo são essenciais para o estabelecimento da coerência, colaborando para o seu funcionamento na medida em que exibem relações estabelecidas na temática do texto.

Ainda com relação às proposições relacionais, ressaltamos que, entendendo as proposições relacionais como a ideia que advém do processo de combinação de cláusulas, a concretude desta ideia está atrelada aos predicados relacionais, ou seja, a cada proposição relacional temos simultaneamente um predicado relacional. A diferença entre ambos estaria ligada ao fato de a ideia figurar como a proposição relacional e o predicado relacional advir daquilo que se constituiu e se construiu com a ideia.

Nessa direção, Mann e Thompson (1983) propuseram uma lista representativa, mas não exaustiva de predicados relacionais possíveis que se estabelecem a partir das proposições relacionais. Nas palavras de Mann e Thompson (1983), são eles: solução, justificativa, evidência, motivação, capacitação, elaboração, reformulação, razão, sequência, condição, circunstância, causa, concessão, fundo, contraste.

3. Análise do corpus

Para fins de ilustração, vejamos algumas relações proposicionais que podem ser codificadas no nosso exemplário de propagandas:

- (1) Olhou, Gostou, Levou.
- (2) Ligou, Participou, Ganhou.
- (3) Abasteceu? Lavou.

Diferentemente do que reza a gramática tradicional – a qual classifica essas orações como coordenadas assindéticas, paratáticas, ou, segundo Bechara (1976), subordinadas assindéticas –, levando-se em conta a emergência do processo inferencial de combinação de cláusulas, podemos reconhecer relações proposicionais de justificativa, evidência, motivação, capacitação, sequência, condição, causa, tempo, as quais evidenciam o surgimento de orações hipotáticas de realce, nos termos, por exemplo, de Mann e Thompson (1983/1985) e Matthiessen e Thompson (1988).

A título de exemplificação, tomando como exemplo *Abasteceu? Lavou.*, em relação à combinação de cláusulas, trabalhando com a teia das proposições relacionais implícitas no fio gramatical-textual, que geram processos inferenciais e que não são, obrigatoriamente, explicitados por meio de conectivos, é possível depreendermos a ideia de condição (se você abasteceu, lavou), tempo (quando você abastece, obtém a lavagem do carro), evidência (evidencia-se o fato de, ao abastecer o carro, ganhar a sua lavagem), capacitação (capacita o ouvinte/leitor ao abastecer o carro, tendo em vista ganhar a lavagem do carro), sequência (há uma ordem linear dos termos: primeiro, abastecer; depois, lavar), motivação (motiva o interlocutor a abastecer, por possibilitar a inferência de o carro ser lavado), causa (por que abasteceu o carro, terá a lavagem) e justificativa (há uma justificativa de o leitor/ouvinte abastecer o carro, visto que o lavar), entre outros.

A análise dessas ocorrências reais do português contemporâneo evidencia que a significação não está atrelada à sentença, mas, entre outros, ao texto e à situação comunicativa real, fazendo com que o falante crie novos arranjos que são ratificados no curso da interação. Nessa veia, a significação é dependente do contexto, e não há o pressuposto de que o texto é autônomo semanticamente, assegurado apenas pela sua materialidade linguística; o sentido, portanto, é gerado pelo ouvinte, embasado nos conhecimentos que possui sobre aquilo que o texto suscita, sobre como ele funciona no contexto no qual se insere, etc. Na verdade, ele se constitui na e pela relação interacional entre os seus interlocutores. No exemplário elucidado, conforme mencionado, há conglomeração de sentidos, o que propicia a diversidade de leituras e requer, talvez, um maior esforço do ouvinte no que diz respeito à identificação do significado.

Nessa medida, as proposições relacionais manifestam-se como a arte de persuadir pelo discurso, sendo utilizadas como estratégias argumentativas. Segundo Carvalho (1996, p. 9), os criadores de peças publicitárias têm elevado grau de consciência no que diz respeito aos elementos argumentativos, verbais ou não verbais, aplicados para convencer o destinatário a adquirir o produto anunciado. Nesse sentido, a argumentação assume um papel central nas sociedades de consumo modernas. Tendo como meta levar o leitor/ouvinte a acreditar numa ideia ou ação, a argumentação envolve a função conotativa da linguagem. Para Vestergaard e Schroder (1994, p.17), na função conotativa, “a linguagem se destina a influenciar os atos, emoções, crenças e atitudes do destinatário”, fato que justifica o devido uso das proposições relacionais.

Outrossim, as proposições relacionais fornecem explicações para as ditas falsas coordenações, em vista de o processo inferencial estar aí latente, ficando evidenciado que importa o tipo de proposição relacional que emerge da combinação de clausulas hipotáticas de realce, e não a marca dessa relação adverbial como apregoa os estudos gramaticais tradicionais.

O estudo das proposições relacionais poderá contribuir para mudar o espectro dos estudos sintáticos, uma vez que a sintaxe passa a ser concebida como uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do processo interacional. Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelo escritor no momento da interação. Dessa maneira, para entender o sintático, seria necessário estudar a língua em uso, em seus contextos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída.

Por fim, o estudo das proposições relacionais poderá intermediar o estudo das orações hipotáticas de realce nas escolas, uma vez que possibilitará ao aluno compreender as orações a partir da teia de relações que se estabelece numa determinada situação comunicativa. Tal fato só é possível porque, nas palavras de Mann e Thompson, elas

(...) não tratam somente de palavras que estão ao lado de outras, precedência textual, limites das partes do texto, ou outras questões que devem ser derivadas da contribuição de partes. Em vez disso, expressam matéria essencial. Desse modo, as proposições relacionais de que estamos falando aqui não estão limitadas a aspectos organizacionais dos textos, mas envolvidas profundamente em relatar concepções de matéria de questões específicas para cada parte do texto (MANN e THOMPSON, 1983, p. 16)¹. (Tradução nossa)

Conclusão

Sob a ótica do quadro teórico da linguística funcional, que percebe a língua como uma atividade social enraizada no uso cotidiano e condicionada por pressões advindas de situações reais de interação variadas, compreendemos que a língua está num contínuo fazer-se, o que nos possibilita falar de uma relativa instabilidade da estrutura linguística.

Nessa medida, no que concerne à articulação de orações, vislumbramos a pertinência e a relevância de se pensar a linguagem humana dentro de um contexto efetivo da língua, o que poderá trazer não só benefícios, como também propiciar novas descobertas e futuras investigações.

Referências bibliográficas

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 19. Ed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976.
- BUTT, D. *et al. Using functional grammar: an explore's guide*. Sydney: Macquarie University, 2001.
- CARVALHO, N. de. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 1996.
- CUNHA, Maria Ângela; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs). *Linguística funcional teoria e prática*, Rio de Janeiro: Faperg, 2003
- DECAT, M.B.N. A articulação hipotática no português em uso In: DECAT, M. B. N; SARAIVA, M. E. F; BITTENCOURT, V. O; LIBERATO, Y. G. *Aspectos da Gramática do Português: Uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, cap.3, p. 103-166.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: E.Arnold,1985.
- MANN, W. C & THOMPSON, S. A. *Relational proposition in discourse*. California: University of Southern, 1983, 28 p. (ISI/RR-83-115).
- MANN, W. C & THOMPSON, S. A. *Assertions from discourse structure*. California: University of Southern California, 1985, 14 p. (ISI/RS-85-155).
- MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S. A. The structure of discourse and “subordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-329.

¹ (...) they do not simply deal with adjacency, textual precedence, boundaries of parts of text, or other matters which might be derived from the contributing parts. Instead, they convey essential subject matter. Thus, the relational propositions we are describing here are not limited to organizational aspects of texts, but are involved deeply in relating subject-matter-specific conceptions to each other.

VESTERGAARD, T; SCHRODER, K. *A linguagem da propaganda*. Trad. de João Alves dos Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1988 e 1994.